

# OCCIDENTE

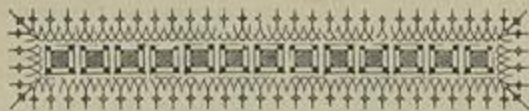
REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	20.º Anno — XX Volume — N.º 666	Redacção — Atelier de gravura — Administração <i>Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4</i>
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	5950	5120	30 DE JUNHO DE 1897	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)....	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		

## O JUBILEU DA RAINHA VICTORIA



S. M. A RAINHA VICTORIA  
Cop'a de uma photographia de Walery)



## CHRONICA OCCIDENTAL

Uma semana de festas.

Jantares na corte, jantares no campo, *Te-deum*, noite de S. João, noite de S. Pedro, e lá da velha Albiom a chegarem noticias do grande jubileu da Rainha Victoria, echos d'uma festa fantastica de povos orientaes, em convivio com o prozaico e positivista bretão do *time is money*.

Fallemos da festa em honra de Thomaz Ribeiro cuja preciosa existencia uma doença poz ha pouco em perigo, achando-se hoje felizmente restabelecido.

Thomaz Ribeiro, que ha annos conseguiu levar a cabo a edificação da igreja de Nossa Senhora da Rocha, em Carnaxide, teve agora ali a sua festa de acção de graças pelo seu restabelecimento, festa promovida por uma commissão composta de amigos e admiradores do eminente poeta e honrado homem de estado, em que tomaram parte mais importante os srs. dr. Tito Castello Branco, conselheiro Lazaro dos Santos, José de Sousa Monteiro, dr. Alfredo de Sousa e Pereira da Costa.

A poetica igreja, construida sobre a gruta onde appareceu a imagensinha, que tanta devoção despertou, adornou-se de gallas que o sol, atravez dos vitraes, collorio com as côres do iris, e pela nave ressoaram os canticos do livita entre as harmonias do côo onde distinctos amadores cantaram a gloria e o credo como consumados artistas. Nem admira sabendo-se que estavam lá D. Maria d'Alarcão, Paulo do Quental, Miguel Marques, Borja Araujo e dr. Tito Castello Branco. A sr.<sup>a</sup> D. Maria Castello Branco acompanhando ao piano e a sr.<sup>a</sup> D. Georgina Santos, tocando o orgão, a sr.<sup>a</sup> D. Maria dos Santos e Eduardo de Sousa, violinos, e contrabaixos os srs. Gomes e Junqueiro. A musica composta expressamente por Philippe Duarte foi superiormente executada pelos distinctos amadores.

Depois da cerimonia religiosa foi servido um copo d'agua offerecido por Thomaz Ribeiro a cerca de 100 convidados, entre homens e senhoras, um enorme grupo cheio de alegria, saudando o inspirado poeta do *D. Jayme*, que commovido agradecia tão sinceras manifestações de amizade e admiração pelos seus altos merecimentos.

Não terminou ali a festa, pois o alegre grupo dirigiu-se para a azenha, um sitio arbor sado, como que um bosque, á beira do Jamor, onde estavam postas quatro grandes mezas, sob a fresca sombra das arvores. Ali foi servido o jantar a todos os convidados, offerecido pela commissão, e ao qual presidiu Thomaz Ribeiro que para todos tinha uma phrase amavel, um sorriso da sua grande alma e bondoso coração. Um jantar animadissimo, n'uma certa liberdade propria do lugar, em que se comeu tanto como se fallou e riu, ditos engraçadissimos cheios de verbe, de alegria, em que as senhoras e meninas tomaram a melhor parte e que terminou por um sem numero de brindes dirigidos ao glorioso poeta e trocados entre os convivas de tão brilhante festa.

Pela noitinha todos retiraram levando no coração uma saudade immorredoura d'aquellas horas alegres.

Mas a seaman foi de jantares; Vatel andou n'uma roda viva para attender a todos os comensaes com os seus melhores assippes, e agora eil-o na legação ingleza a preparar o grande banquete que Mr. Mac-Donell deu em honra da Rainha Victoria; um banquete diplomatico a que assistiu toda a legação ingleza, presidente do conselho, ministro dos estrangeiros etc., e que teve aquelle brilho e gentileza que o nobre representante da Inglaterra dá ás suas festas.

A noite illuminou o palacio da legação e só assim se agglomeraria povo na rua da Arriaga, que é a rua do lá vem um

A este banquete seguiu-se o do Paço, dado por El-rei em honra da Rainha Victoria. Foi uma festa intima a que apenas assistiram, além de Suas Magestades, os srs. ministro inglez e esposa, presidente do conselho e ministro dos estrangeiros e esposas, primeiro e segundo secretarios da legação ingleza, duque de Palmella, conde de Ficalho, almirante Baptista de Andrade, condes de Sabogosa e de Arnoso e mais dignitarios de serviço no Paço.

A meza El-rei deu a direita á esposa de Mr. Mac-Donell, e á esquerda a esposa do sr. presidente do conselho; á direita de Sua Magestade a Rainha ficou Mr. Mac-Donell e á esquerda o sr.

José Luciano de Castro; a esposa do sr. Mathias de Carvalho, ministro dos estrangeiros á direita do ministro inglez e Lady Mac-Donell á direita do sr. Mathias de Carvalho.

El rei de casaca, calção e meia, tinha ao peito a Jarreteira e ordem do Banho. E assim se festejou no Paço o Jubileu da Rainha de Inglaterra que tambem tem sido celebrado no Porto com illuminações nos edificios da Associação Britanica e Associação Commercial e outros; fogos de vistas e musicas, festejos promovidos pela colonia ingleza que tambem abriu uma subscrição em beneficio dos pobres, a qual attingiu uma avultada somma.

Tudo isto, porém, são reflexosinhos das festas que vão em Inglaterra, principalmente em Londres.

Na grande capital do Reino Unido as festas do Jubileu attingiram um brilho e esplendor nunca vistos.

Londres foi o centro para onde convergiram forasteiros de toda a parte; os que ali foram no desempenho de commissões officiaes, como representantes das potencias, dos municipios, das possessões e colonias, d'um scm numero de sociedades e corporações de toda a ordem, e os que foram levados pelo desejo de saudar a veneranda Rainha ou curiosidade de assistir aos deslumbrantes festejos.

Só em dois dias chegaram a Londres 200 comboios expressos conduzindo milhares e milhares de forasteiros que já não encontraram onde se alojar na grande capital. Mais de 80:000 pessoas vieram em bicycles.

Para vêr passar o extraordinario cortejo em homenagem á rainha, cortejo colossal em que se encorporaram desde os principes até ao mais humilde subdito do sua Magestade Graciosa, em que figuraram povos de diverças raças, do Oriente á Australia e á Africa, sob o dominio ou tutela da Inglaterra, os rajahs com suas opulentas comitivas, para vêr esse quasi phantastico cortejo, dourado, collorido de mil côres, pittoresco, animado, opulento, disputaram-se logares nas janellas, nas tribunas, nos palanques armados por todo o trajecto, a pezo de ouro, porque todos queriam vêr, e para vêr e saudar a Rainha, tinham vindo de centenares de leguas distante.

Contam-se coizas fabulosas dos preços d'esses logares. Na praça de S. Paulo o proprietario de uma casa em ruina cedeu o terreno para n'elle se armarem palanques com a condição de, depois das festas lhe fazerem um predio novo no mesmo logar.

O aluguer do terreno para a construcção de uma tribuna que devia comportar 4.000 pessoas, custou 42:000.000 réis e a construcção réis 36:000.000, pois ainda assim o empresario ganhou 122:000.000 réis!

E pelos doze kilometros que o cortejo percorreu se poderá calcular o rendimento dos logares para o vêr passar, sabendo-se que cada logar n'uma janella, que a principio se cotava a 15 libras, chegou por fim a 50 libras e mais!

O preço dos trens subiu na proporção do mais, assim como o dos hoteis ou de uma simples cana para passar a noite. Comer foi um problema de difficil solução, porque apesar da exorbitante elevação dos comestiveis, houve muitos que os quizeram pagar a pezo de ouro e não poderam abeirar-se de uma meza ou apanhar uma buxa sequer.

A população de Londres n'aquelles dias cresceu algumas centenas de milhares, excedendo todas as previsões. D'ahi a quasi impossibilidade de se viver na grande capital.

Pôde dizer-se que correram rios de dinheiro durante as festas do jubileu e ha já um calculo de que os gastos com as decorações, illuminações, donativos aos estabelecimentos de caridade e despezas da Casa Real, que dá a bonita cifra de 50 milhões de libras ou 225.000.000.000 contos de réis.

Se a isto juntarmos o valor dos presentes offerecidos á Rainha Victoria pelos parentes, constantes de joias de subido valor, é certo que as festas do jubileu da Rainha Victoria foram uma ostentação de riqueza incalculavel só propria de um imporio de ouro.

A força escudada n'este imporio, lembra o que diz Publio Siro *Auro suadente, nil potest oratio*, é superior como, especialmente o affirmou a grande revista naval passada pelo principe de Galles á enorme esquadra fundeada na bahia de Spithead.

Foi outro spectaculo assombroso essa revista da marinha de guerra ingleza, sob o commando do almirante Sir Novell Salmec.

Mais de 250 navios de guerra ali figuraram, além dos navios enviados pelas potencias, en-

tre os quaes tambem fluctuava a bandeira portugueza no coraçado *Vasco da Gama*.

O principe de Galles embarcado no *Victoria and Alberte* foi acompanhado por varios yachts, onde iam os altos dignatarios da corte, os embaixadores extraordinarios, lords, almirantado, membros do parlamento, representantes, etc., constituindo tudo um luzido cortejo fluvial, visto e admirado por milhares de espectadores em vapores e outros barcos onde os logares se pagaram entre uma e quinze libras por cabeça.

E aqui tem os leitores uma rapida noticia do que foram as festas do jubileu da Rainha Victoria, e onde se fizeram representar todos os soberanos da Europa, sendo o Rei de Portugal representado pelo sr. Infante D. Affonso.

Apesar de todo o esplendor das festas de Londres, não olvidemos as de casa, as populares festas de S. João e de S. Pedro que este anno correram animadas em Lisboa e em todo o paiz, muito especialmente em Braga, onde S. João foi festejado ainda com maiores pompas que nos mais annos, para o que bastará saber se que foi ali tocar a banda da Guarda Municipal de Lisboa.

Quem nunca esteve no Minho não pôde fazer ideia do que são estes folguedos populares; do pittoresco dos trajos a combinar-se com o pittoresco da paisagem, dos descantes do povo que são um cancionero precioso, da variedade do collorido dos fatos das mulheres carregadas de ouro nas orelhas e ao pescoço como taboetas de ourives; e os fogos de artificio com suas collosaes bombas capazes de rebentarem montanhas, que são uma verdadeira surpresa para o forasteiro.

Ha, enfim, muito que vêr ali, na provincia, porque ainda se conservam os costumes mais puros e tradicionaes, o que lhes dá nacionalidade e caracter, que infelizmente se tem perdido na capital, devorada pela febre do progresso que deruba tudo que é antigo, bom e mau.

E' ainda esse progresso que transforma o velho jardim de S. Pedro de Alcantara n'um Eden-Concerto a 50 réis por cabeça, á noite, para ouvir musica e tomar refrescos, se antes d'isso não se ficar esmagado á entrada e houver meio de alcançar os taes refrescos

Foi o que aconteceu na primeira noite, e para isso fica privado o cidadão contribuinte de chegar-se á grade do jardim e gozar o fresco que a briza lhe manda de graça.

Bem nos quer parecer que ainda se ha de pagar para haurir a briza do norte e respirar a marzia do Aterro.

Se elle é preciso tanto dinheiro...

Lynce.



## AS NOSSAS GRAVURAS

### O JUBILEU DA RAINHA VICTORIA

Passou, no dia 28, o 60.<sup>o</sup> anniversario da elevação da rainha Victoria ao throno do Reino Unido, anniversario que a Inglaterra está festejando com ruidosas e espectaculosas manifestações de regosio publico, que não terao, de certo, o enthusiasmo e calor que acompanharam as festas dos povos da raça latina, mais do meio-dia da Europa, mas que em compensação ostentam esplendor e grandeza deslumbrantes; recordando, talvez, as antigas festas da Roma dos Cezares, em que sobretudo dominava a riqueza, que tanto se contava pelas pedrarias e metaes preciosos como pelo numero de escravos que serviam o imperio.

Nas festas de Londres não figuram escravos como os da antiga Roma, mas vem prestar preito á imperatriz das Indias os povos avassalados á Inglaterra, por varios modos e artes da politica ingleza.

A Inglaterra pobre e humilde do seculo xvi eil-a rica e grande nos fins do seculo xix. Os filhos das Ilhas Britannicas que mal se mantiam então dentro dos limites com que o oceano os cingia, estendem hoje os seus dominios por toda a parte do mundo, e comtudo não se esforçaram em descobertas nem conquistas que encham de gloria a sua historia e de espanto o mundo para o qual conquistassem as premicias de uma nova era, de uma nova civilização.

Souberam antes aproveitar melhor o esforço

alheio de arriscadas emprezas e temerarias conquistas, colhendo os fructos sasonados e opimos que os conquistadores, enebriados pela gloria, desprezaram.

Outros são os sentimentos que animam os filhos da Gran-Bretanha; outra é a sua raça, educação e fins.

A gloria só lhes sorri pelos resultados praticos e positivos que d'ella lhe podem advir. No seu afan só trabalham pelo engrandecimento da patria ingleza. Esse engrandecimento compram-o pelo menor preço que podem. É um negocio. Quando o negocio não lhes der lucros vantajosos, embora mais ou menos remotos, não lhes pegam, e se já o tiverem tentado mas se se complicar de forma a ser oneroso, tem sempre uma tangente para o abandonar, sem se importarem que os outros lhes notem o retrahimento.

Este fim de seculo da-lhes razão.

\* \* \*

A Inglaterra está toda em gallas; Londres é o centro de toda a festa. A grande capital convergem os representantes das potencias, as deputações das possessões britannicas, em que avultam os rajahs da India ingleza, com as suas luzidas comitivas e os seus deslumbrantes trajos, tropas das colonias; as artes, as sciencias, as industrias e o commercio, tudo ali se acha representado, e todos se enfileiram no magestoso cortejo que sauda e aclama a rainha Victoria, a soberana verdadeiramente uma nacionalidade, com a qual se identifica de tal modo, que chega a parecer que é só ella essa nacionalidade, e comtudo não ha reinante que menos pese e se emponha ao governo do seu paiz.

É o modelo da realza constitucional. Nunca nenhum dos seus subditos se lembrou de a accusar de uma falta, de a culpar de um desastre politico ou administrativo, de lhe notar uma parcialidade politica. De uma vez houve um subdito de sua magestade graciosa que quiz attentar contra a vida da rainha; era um louco, foi recolhido ao hospital dos doidos.

No dia em que a veneranda senhora e rainha morrer, porque é mortal, não é facil de calcular a impressão que esse triste acontecimento produzirá em Inglaterra e no mundo, que ha mais de meio seculo vê na rainha Victoria uma nacionalidade.

A successora de Guilherme IV duque de Clarence tem no seu paiz um pequeno partido que não lhe reconhece a legitimidade da successão. Este partido é o dos denominados jacobitas, que ainda reconhecem como herdeiros do throno os Stuarts que a revolução politica de 1688 expulsou de Inglaterra. Estes sebastianistas de lá recohem, na linha directa da successão dos Stuarts, a princeza Maria da Baviera como rainha da Gran-Bretanha e assim o manifestaram agora por occasião do Jubileu. Para desconsolação, porém, dos jacobitas, a legitima herdeira, que elles reconhecem ao throno britannico, mandou a Londres seu filho e herdeiro do throno da Baviera, o principe Roberto, assistir ás solemnidades em honra da sua rival!

É verdadeiramente curiosa esta nota discordante de meia duzia de fanaticos, no meio dos milhões d'almas que festejam e aclamam a veneranda rainha. E comtudo ninguem poderá deixar de respeitar tão fiel dedicação ás tradições.

A rainha Victoria é filha do duque de Kent e da princeza Victoria de Leiningen da casa de Saxe-Saalfeld-Coburgo. Nasceu em Londres a 24 de maio de 1819 e succedeu a seu tio, o duque de Clarence Guilherme IV em 28 de junho de 1837. Tinha, pois, 18 annos de idade quando foi proclamada rainha de Inglaterra, pelo que completou agora 60 annos de reinado.

Em 10 de fevereiro de 1840 casou com o principe Alberto de Saxé Coburgo do qual enviuvou em 1861, tendo oito filhos d'este consorcio, dos quaes os mais velhos são o principe de Galles, herdeiro do throno e que nasceu em 9 de novembro de 1841, e a princeza Victoria, mãe do actual imperador da Allemanha, Guilherme II.

A rainha Victoria tem hoje grande quantidade de netos, parte dos quaes já casados com imperantes da Europa.

Ha dez annos foi proclamada imperatriz das Indias, para melhor representar a *Greater Britain* ou a grande expansão da nacionalidade ingleza.

Foi uma necessidade politica que o seu governo entendeu; que ella para si e para os inglezes continúa a ser a Rainha, em Inglaterra, nos seus palacios de Balmoral, de Osborne ou de Windsor

O *God save the quem* continua a ser o hymno

nacional que os inglezes cantam no tom monotonico e plumbio como o céu do seu paiz, e não o *God save the empress*.

No momento em que se festeja o 60.º anniversario da subida da Rainha Victoria ao throno da Grã-Bretanha, não é um jubileu da Rainha que se celebra, mas sim um jubileu da Inglaterra, em que ella quer mostrar a todos os inglezes e ao mundo a força e o poder do trabalho secular de uma raça activa, intelligente e unida, dominada por uma só ideia: O engrandecimento da sua patria.

Que exemplo de civismo e de bom senso!

C. A.

#### O CRUZADOR PORTUGUEZ «ADAMASTOR»

Partiu hontem para Italia o coronel de artilheria sr. João Carlos Rodrigues da Costa que vae a Livorno, como representante da commissão executiva da Subscrição Nacional, tomar conta do cruzador *Adamastor* construido nos estaleiros dos srs. Frateli Orlando, e liquidar contas com esta casa constructora.

O sr. Rodrigues da Costa fará ali entrega provisoria do cruzador ao sr. Ferreira do Amaral representante do governo portuguez e por este nomeado commandante do *Adamastor*.

O novo cruzador offerecido pela Subscrição Nacional ao governo portuguez é o navio mais perfeito e correcto que tem tido a marinha de guerra portugueza no dizer do sr. Ferreira do Amaral, que no seu relatório se expressa n'estes termos: ... não se espere ver entrar no Tejo um navio de ostentação aparatoza, porém nunca a marinha de guerra portugueza teve um vaso tão perfeito e correcto — accrescentando — que nas diversas esquadras estrangeiras bem poucos se encontrarão que egualen no acabamento este navio. E depois diz: o *Adamastor* é mais do que perfeito, sendo um navio-reclame, em que a casa Orlando, segundo pessoa bem informada conhecedora dos negocios d'aquelles constructores, perdeu cerca de 6:000 libras.

É o systema de acreditar a casa constructora para que ella adquira a confiança dos seus clientes, e tanto é assim que a imprensa ingleza já tem elogiado as construcções da casa Orlando, que não deixa de ser um concorrente aos constructores inglezes.

Para a Italia tem os srs. Frateli Orlando construido nos seus estaleiros uns 30 cruzadores.

É, pois, este o primeiro navio de guerra, segundo os modernos aprefeiçamentos, com que a marinha portugueza vae ser dotada, e todos que concorreram com o seu obolo para a Subscrição Nacional muito teem a applaudir-se pela boa applicação que teve o seu dinheiro.

D'este bello navio damos em seguida a descripção que temos por mais exacta:

As dimensões primitivas do *Adamastor* eram 74<sup>m</sup> entre perpendiculares. Pelas experiencias feitas com o respectivo modelo, no arsenal official de Spezzia, sob a inspecção do engenheiro Rotta, foram, porém, augmentadas para 75<sup>m</sup> 21.

Essa inspecção deriva da legislação italiana, pela qual nenhum navio se pode construir n'aquelle paiz sem a fiscalisação do governo, a fim de acreditar a industria nacional.

O governo italiano dá, entretanto um premio de construcção por cada navio ali feito.

A tonelagem primitiva, em deslocamento normal, estava indicada para 1:750 toneladas, e de carga maxima para 1:993, ou sejam as 2:000, numeros redondos, da proposta inicial apresentada em 1891 pelo sr. Ferreira d'Almeida, na assembléa geral dos subscriptores, realisada no salão do theatre de D. Maria, em substituição das propostas da commissão executiva da subscrição, que pretendia, construir um transporte e duas pequenas canhoneiras coloniaes, entendendo a minoria que o dinheiro se applicasse a missões e colonisação.

A essa assembléa concorreram perto de 90 subscriptores, e a proposta do sr. Ferreira d'Almeida foi approvada por mais de dois terços dos presentes.

O navio era para 16 milhas de velocidade minima, com 115 voltas de helice, sendo sobre este ponto o que dava maiores garantias de menor vibração.

A velocidade maxima proposta era de 17 milhas e tres decimos, mas as ultimas experiencias deram 18.

A carga normal de carvão era de 270 toneladas, para o deslocamento de 1:750 toneladas, e mais 243 de carvão suplementar para a carga maxima de 1:993 toneladas de deslocamento, representando, portanto, um abastecimento de 513 toneladas de carvão, destinadas a dar ao navio um

raio de acção de 7:200 milhas, a 10 milhas por hora, ou seja 30 dias de navegação sem reabastecimento de combustivel.

Tambem n'esta parte houve modificação, cortando-se ao navio um paiol transversal a vante para carvão, no que se diminuiu um abastecimento de 120 toneladas, isto para deslocar os alojamentos dos inferiores e ampliar a enfermaria, sem necessidade para o fim a que uma enfermaria é destinada a bordo.

Em vista de tal diminuição de carvão, ficou reduzido a 5:520 milhas o raio de acção do navio, o que é pena.

Em armamento, o navio tinha primitivamente, duas peças de 12<sup>c</sup>, Krupp; 4 de 10<sup>c</sup>, 5 de tiro rapido, Krupp; duas Hotchkiss, de 47<sup>mm</sup>; quatro metralhadoras Nordenfeldt; 1 tubo fixo laaça-torpedos na roda de prôa, na coberta, acima da linha d'agua, e 2 volantes, um a cada bordo, na tolda, a um terço do comprimento do navio, contado de ré.

Em substituição das duas Hotchkiss de 47<sup>mm</sup> foram collocadas 4 de 65<sup>mm</sup> e, em vez das duas metralhadoras na ponte, 2 peças de tiro rapido, Hotchkiss de 37<sup>mm</sup>.

D'esta forma, ficou o navio sem material de desembarque, por isso que as duas metralhadoras primitivamente destinadas á ponte de navegação, deviam ter as viaturas proprias para desembarque.

O casco é d' aço Siemens Martin, sendo as chapas de 10,5<sup>mm</sup> na espessura minima e de 16<sup>c</sup> na maxima. A da borda é de 8<sup>c</sup>.

As chapas do fundo ligam topo a topo, com chapas de ligação com dupla e triplice cravação, e esta é feita segundo as regras do Lloyd.

As chapas do casco tormam 9 carreiras, da largura de 1,10.

As balizas do cavername são em Z e distam entre si 610<sup>mm</sup>. Os vaus são em T bolbo, tendo entre si a mesma distancia que as balizas, por baixo das peças.

As peças de 15<sup>c</sup> teem as plataformas assentes sobre pavimentos de reforço especial, com tubos de communicação directa como os paiotes de cargas, com elevadores mechanicos.

A segurança do navio, sob o ponto de vista da fluctuabilidade está preparada com duplo fundo, formando compartimentos estanques de 3,05 de vão e 0,9—1,0—1,2 de altura. O duplo fundo abrange 31,55 do comprimento total do navio.

Uma antepára longitudinal de 27,45 de comprimento, e de 1,1 acima da linha d'agua normal, separa os dois motores e bem assim os geradores de vapor, collocados a bombordo e a estibordo.

As duas machinas são verticaes, de triplice expansão, com 4 caldeiras simples, 12 fornalhas e devendo desenvolver 3:000 cavallos indicados de força, á pressão ordinaria.

O navio tem accomodações para 45 dias de mantimentos e 36 de agua da fonte, além de um distillador capaz de produzir 8:000 litros em 24 horas.

Além da antepára longitudinal, tem 15 antepáras transversaes, das quaes 8 sobem do porão ao pavimento da tolda.

Os alojamentos, conforme as indicações fornecidas superiormente á commissão executiva por occasião do concurso, eram para 1 commandante, official superior, que tem: salão, gabinete de trabalho, camarim e lavabo; 1 immediato, official superior, com camarim e lavabo ambos estes situados no tombadilho conjunctamente com a dispensa do commandante, gabinete ou secretaria, arrecadação de bandeiras e arrecadação para a roupa molhada, ou resguardos de chuva, dos officiaes de quarto. Estas duas ultimas installações foram substituidas por uma só para arrecadação de cartas e chronometros, ficando, portanto estes, não só fóra da mediania do navio, mas acima da linha d'agua, quando o logar primitivamente destinado aos chronometros era a meio navio, na camara dos officiaes.

As bandeiras passam a ser arrumadas na ponte, junto á casa de navegação, onde primitivamente era tambem a arrecadação das cartas nauticas.

Ao plano primitivo, foi tirado um camarote de official na coberta, ficando só 10, para em logar d'aquelle se fazer uma casa de banho, em substituição da que devia existir á ré, além de se tirar ao alojamento geral dos officiaes a ventilação que tinha por dois vãos á ré, com vigias no costado, ficando no espaço á popa, na coberta, a arrecadação dos fardamentos, que estava indicada no porão da ré.

Havia, por ante-avante da camara dos officiaes, uma camara especial para aspirantes de machinas e guardas-marinhas, que fariam rancho commum, tendo o alojamento dos aspirantes de machinas 6 beliches, e o dos guardas-marinhas 4, conforme a

lotação oficialmente indicada, com uma casa de banho e dispensa especial.

O salão dos officiaes é tambem na coberta á ré, avante da série dos 10 camarotes já indicados, e abrange toda a largura do navio, n'esse local, de borda a borda.

As cobertas teem ventilação mechanica por meio de apparatus electricos.

A ornamentação das camaras e camarotes é luxuosa, em conformidade com as condições do contracto, e todos os beliches tem colchões de arame.

O navio arma á hiate, como foi resolvido antes da celebração do contracto.

Os mastros são de aço, reaes, com mastaréos de *pitch-pine* e uma verga para signaes, em cada mastro gaveas de combate, cada uma com 1 metralhadora.

A illuminação geral é electrica, com dois projectores systema Mangin, podendo tambem ser, em caso de necessidade, a azeite ou vellas.

quo, sendo este ultimo modificado para boleado, como se vê na gravura.

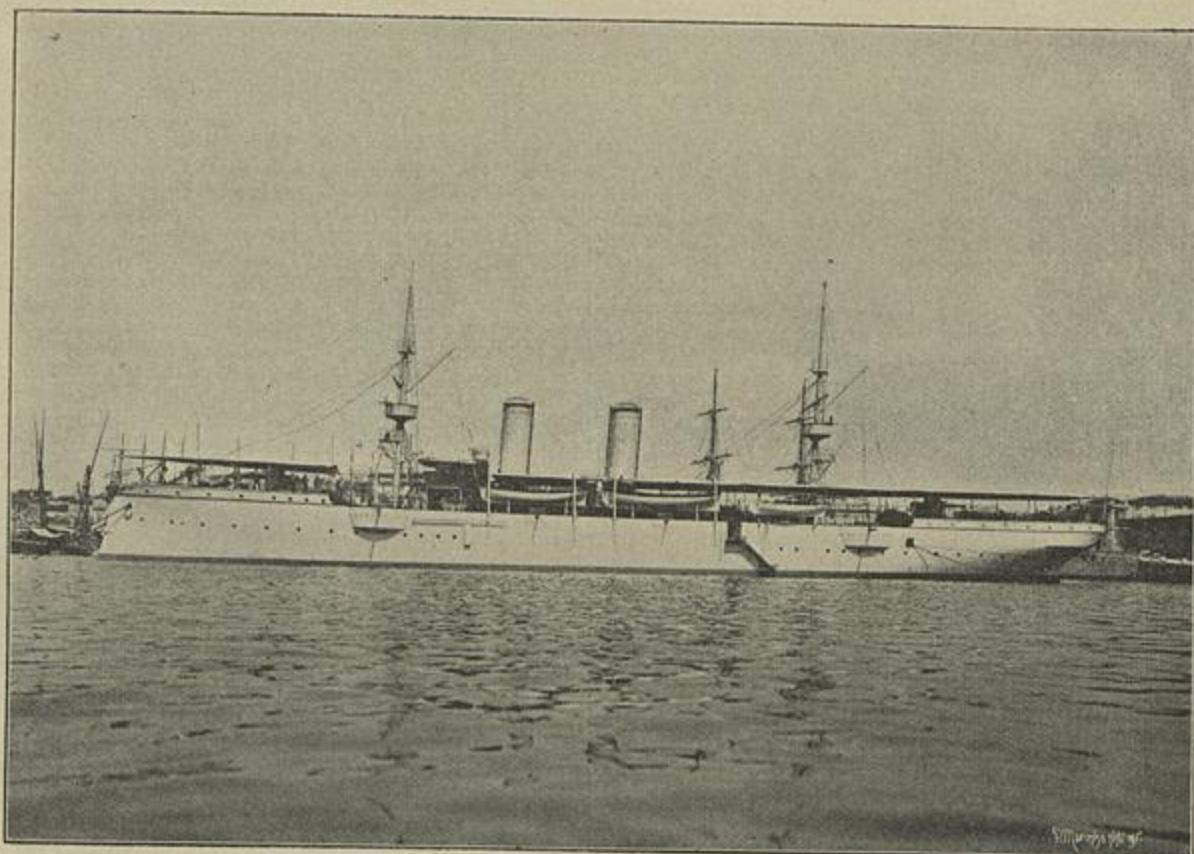
O *Adamastor* deverá chegar ao Tejo entre os dias 15 e 20 de julho, commandado pelo sr. Ferreira do Amaral com guarnição portugueza que partiu para Livorno a bordo do *Africa*, no dia 20 do corrente.

### UM BOM EXEMPLO A SEGUIR

A phase mais characteristic, e porventura a mais interessante, que este ultimo quartel do seculo XIX nos apresenta, é a da lucta emprendida entre os paizes que caminham na vanguarda da civilização, lucta pacifica em que todos elles, envidando esforços titanicos, intentam generalisar entre os seus respectivos habitantes, e sem distincção, por assim dizer, de classe, o sentimento da arte.

é ampliado, modificado, adaptado constantemente, em harmonia com os conselhos da experiencia, ás condições respectivas de cada paiz.

Correm parellas tambem o estudo e a investigação systematica das tradições artisticas privativas a cada um d'elles, e em que mais definitivamente se tenha manifestado o genio especial da propria raça, pois é n'essas mesmas tradições que cada povo hoje procura assentar bases para a constituição de um gosto proprio, de uma esthetica, por assim dizer, nacional, que lhe faculte o extremar os seus artefactos, o imprimir-lhe tambem cunho proprio: — meio unico, quando em absoluto não seja de competir com as nações productoras nos grandes mercados, pelo menos para cada povo incutir no animo dos seus justa preferencia em favor dos proprios productos, cujas condições estheticas e utilistas fôram determinadas pelas condições especiaes do clima, dos costumes, dos materiaes, em fim, de que cada um d'elles pode dispôr — preferencia da qual, além



O CRUZADOR PORTUGUEZ «ADAMASTOR», NO PORTO DE LIVORNO

(Copia de photographia)

As machinas são da casa constructora.

Tem um reducto central de chapa de 65<sup>m</sup>, onde se acha installado um systema de communicação para todos os pontos do navio.

O leme tem governo a vapor ou a braços.

Possue um escaler a vapor, typo Wite, de teca, 5 turcos para 6 embarcações; e 10 cabrestantes a vapor.

A guarnição, em que se comprehende pessoal menor de machinas e serviços, foi primitiva e oficialmente indicada como devendo ser de 164 praças, que se alojam na coberta avante, e por baixo do castello.

A capacidade dos paiões de munições é em harmonia com o municamento regulamentar, ficando um a ré e outro a vante, em communicação directa com as peças de maior calibre, devendo accomodar os capacetes que contem as cargas dos torpedos e devendo ser o numero d'estes e a arrumação dos seus corpos, parte na camara do tubo de avante, na coberta, e parte na tolda proximo dos tubos volantes.

Os paiões de vinho e carne, etc., são no porão de avante.

No primitivo projecto, o córte da prôa era quasi vertical, e o da pôpa n'um perfil recto, obli-

Motivada, a principio, pela mais justa e elevada emulação, em breve, porém, os factos e as circumstancias especiaes a cada um d'esses paizes, a fôram gradualmente transformando em verdadeira lucta economica, lucta de interesses que assumiu tambem character duplo, desde que n'ella veio pouco a pouco tomar parte a maioria dos pequenos paizes.

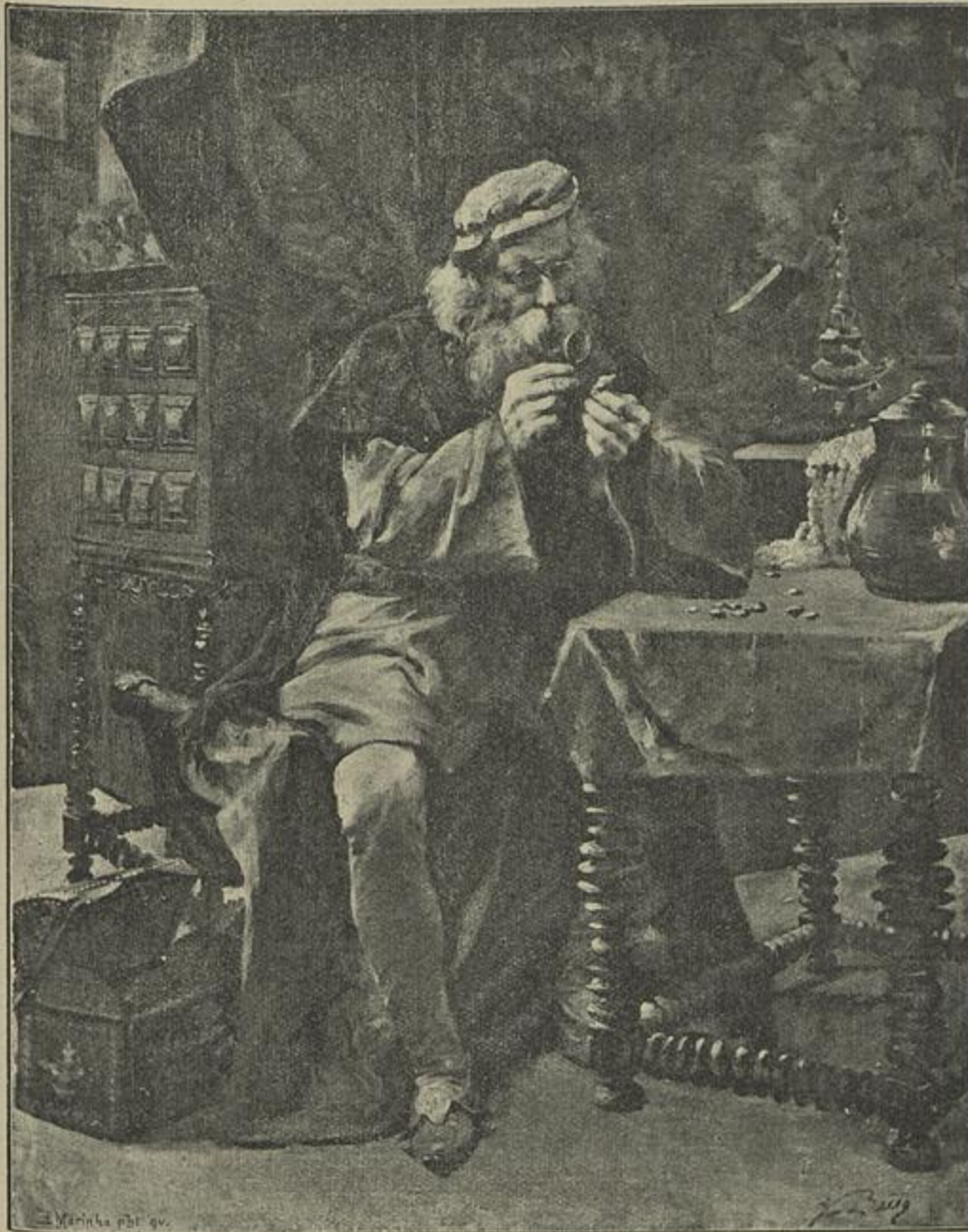
Disputam os primeiros entre si a preponderancia artistica, habituados como estavam a impôr tyrannicamente o proprio gosto aos segundos, criando-lhes passo a passo e arteinamente novas necessidades de luxo, inundando-lhes os mercados com os seus artefactos, atrophando a cada um d'elles pela concorrência inevitavel toda e qualquer manifestação de vida artistica propria, a minima tentativa de emancipação n'esse sentido. O instincto de conservação fez com que despertassem os segundos, e estes, imitando o exemplo dos seus competidores mais favorecidos da sorte, hoje se defendem com a maxima energia e á custa de sacrificios gigantescos.

Por toda a parte o ensino artistico, industrial e técnico, (pois são inseparaveis, e estava reservado a este que se diz seculo das luzes esquecer durante cincoenta annos tão manifesta verdade)

de outras vantagens economicas, lhe resultaria immediatamente o augmento de riqueza proporcional á diminuição consideravel da importação de inumeros productos.

O Estado, os municipios, as corporações fundam escolas, constituem muzeus centraes, provinciaes e regionaes; estabeleceu-se entre os particulares abastados verdadeira emulação patriotica, e as numerosas e opulentas colleções de arte, reunidas á custa de tanto trabalho e desvêlo, e representando o desembolso de avultadissimas quantias vão fundir-se nos muzeus publicos, ou não raro constituir muzeus privativos e facultar assim aos artistas e aos mesteiraes abundantes fontes de inspiração, vastissimo campo de estudo.

Instigam tenazmente tão patriotico movimento nas diversas nações, e já hoje nas grandes colonias, intelligencias brilhantes, escriptores, artistas, industriaes e até operarios eruditos, por meio de propaganda insistente: — o livro e a revista de arte, as conferencias coincidem com as frequentissimas exposições, realizadas, já pelo Estado, já pelas corporações ou pelas sociedades de incitamento, que por toda a parte e com poucas quanto deploraveis excepções tem sido fundadas

7.<sup>a</sup> Exposição do «Gremio Artistico»

O AVARENTO — Quadro do sr. José de Brito

e cujo fim é combater as resistencias quer de rotina quer dos interesses mercenarios, tão ape- gados a esse banal, commodo e incondicional tradicionalismo que dispensa de ter ideias, e que, facilitando por meio das eternas copias de esta- fados moldes e modelos o excesso de produção insignificativa, constitue para a mediocridade o triumpho, e atrophia ao mesmo tempo as man- ifestações da originalidade e do talento.

Historiar as peripecias da lucta n'este campo especial, levar-nos hia longe, nem é, n'este mo- mento, nosso proposito, tanto mais que já nos occupámos do assumpto, esboçando-lhe os traços principaes em publicação quasi recente: <sup>1</sup> limi- tar-nos-hemos, pois, em harmonia com a epigra- phe que encabeça este escripto, a registar um bom exemplo, ou melhor diríamos — o mais bi- zarro e grandioso acto de munificencia e de pa- triótica dedicacão de que ha talvez noticia nos tempos modernos.

Não se trata de nenhuma d'essas dadas opu- lentas, d'essas ofertas magnanimas dos ricos mer- cadores inglezes, escocezes ou americanos, que os jornaes e revistas d'arte dos respectivos paizes com tanta frequencia nos transmittem: d'esta vez, não foi nenhum nababo, mercador abastado da City, cervejeiro dos bairros marginaes do Ta- misa, yankee rei da prata ou das vias férreas; foi um cervejeiro, tambem, é certo, cujas dadas as- sumem proporções tão assombrosas, que o doador parece empenhar-se em mudar o adjectivo ao proloquio «dada principesca»; — e o que é ain- da mais digno de nota, deu-se o facto em um dos mais pequenos paizes da Europa, a Dinamarca, mas que é tambem um dos mais adelantados em civilisação e que, comquanto no que respeita á grande arte, ou no que por convenção rotineira se designa ainda hoje por esse nome, não occupe posição importante, reivindica todavia, nas artes sumptuarias e de immediata utilidade, um dos primeiros logares entre as nações. A independen- cia de estylo, o cunho nacional, a originalidade da sua arte decorativa rivalisam por vezes com os da propria Inglaterra, nação que hoje conqui- tou o logar de honra, e que, emquanto as nações continentes por ora impotentes em fixar as for-

<sup>1</sup> Não ha ainda um anno publicámos na revista artisti- ca intitulada *Arte Portuguesa* dois estudos, intitulava- se o primeiro «As artes decorativas no fim do seculo»; o segundo tinha como epigraphe «A segunda renascença»; e ambos no seu conjunto intentavam dar ao leitor portu- guez ideia geral e aproximada das peripecias mais impor- tantes e significativas d'esta vitalissima questão.

Em outros artigos, publicados na mesma revista, referi- mos-nos tambem á superioridade dos dinamarquezes em algumas das applicações da arte decorativa.

Pin-Sel.



O PRIMEIRO MELÃO — Quadro do sr. José Malhóa

A TIA AURELIA — Quadro da Sr.<sup>a</sup> D. Branca Assis

## AVENTURAS D'UMA NOVIÇA

(VEPSÃO)

III

(Continuado do n.º 665)

mulas da arte moderna, se debatem na maxima confusão entre o tradicionalismo exaustivo, o exotismo de importação e a extravagancia das manifestações individuaes, traçou com firmeza novo caminho, pelo qual as suas grandes rivaes se exforçam em seguir-lhe as pisadas. E se alguma a segue de perto, cumpre dizer que é, incontestavelmente a Dinamarca.

A evolução artistica a que acima nos referimos, por isso que constitue uma das questões palpitantes dos tempos que vão correndo, mais de uma vez, aliás, nos chamará a attenção e volveremos, portanto, a tractal-a com maior ou menor desenvolvimento, á medida que as suas manifestações nos apresentem resultados dignos de menção.

E agora vamos ao facto.

Um rico cervejeiro dinamarquez, J. Jacobsen, cujos ascendentes se tem distinguido pela municipalidade com que tem dispensado ás artes e ás sciencias constance e poderoso auxilio, legando quantias avultadas, já para fundação ou ampliação de institutos de ensino, já para manutenção de estabelecimentos da mesma indole fundados por alguns d'elles; fiel ás tradições da familia, dotou recentemente o seu paiz com um dos mais ricos e importantes museus de arte, o entre todos, talvez, o mais bem coordenado, a *Glyptotheca de Copenhagen*. Juntando ao mais decidido enthusiasmo pelas artes, e muito em especial pela escultura, o mais ardente patriotismo, intelligencia não vulgar e gosto seguro, durante mais de vinte annos reuniu vastissima collecção de obras, verdadeiros primores esculpturaes, na qual, além dos trabalhos mais distinctos dos esculptores seus compatriotas, figuram numerosissimas obras primas dos artistas de maior nomeada em todo o mundo civilizado, primores de arte que o infatigavel colleccionista disputava a peso de ouro em todas as principaes exposições e no numero das quaes se contam estatuas equestres e obras monumentaes, cujo transporte, além das enormes difficuldades, deve necessariamente representar despesas fabulosas. Empenhado em tornar proficuo para os artistas o estudo da sua vasta collecção facultando-lhes a comparação entre a escultura antiga e a moderna, ia tambem adquirindo, parallelamente, o mais e o melhor que podia em obras, já da antiguidade classica, já da arte gothica, da renascença e dos periodos posteriores, sem interrupção, nem exclusão de estilo algum, até aos nossos dias. E essa collecção, coordenada de modo admiravel, cuja posse o generoso doador acaba de transferir para o Estado, auxiliando ainda por cima com avultada quantia, não só a edificação do sumptuoso e bem apropriado edificio em que se acha installada, como tambem a manutenção e ampliação futuras da mesma. Mais ainda, determinado a celebrar o seu acto munificente por forma digna e ao mesmo tempo util e pratica, Jacobsen tem sido o mais ardente e activo propulsor da actual exposição universal de Copenhagen, a qual, dizem, deverá custar ao moderno Mecenas rios de dinheiro.

Tão generosos donativos não estabelecem facto unico na biographia do meritissimo cidadão; este tomára já parte principal na instituição do museu dinamarquez de artes e industrias, e concorrera com avultadas quantias para o seu costeo. Mandára edificar a expensas proprias uma igreja modelo, verdadeiro primor de arte e de estilo scandinavo, absolutamente typica do género, na parochia onde habita.

O templo sumptuosamente adornado e decorado com obras de arte, tudo, já se vê, expressamente feito e em absoluta harmonia com o monumento. Não se restringe a sua protecção ás artes unicamente a adquirir obras primas de escultura ou da estatuaria propriamente dita; pintores, gravadores, architectos e os artistas e artifices cultivando as variadissimas applicações da arte tem todos encontrado em Jacobsen decidido apoio; dotado de rara penetração, sabe distinguir as revelações do verdadeiro talento, e melhor ainda, com rarissimo tacto e delicadesa inexcusaveis, empregar os meios mais efficazes de lhe alentar as manifestações. Simplissimo nos seus habitos e no tracto da vida, a sua casa, que como bem deve suppôr-se, constitue um verdadeiro museu, é, no entanto, o proprio typo de verdadeiro bom gosto e da coherencia artistica.

Exemplos como este merecem a maxima publicidade, e as principaes revistas e jornaes da Europa e da America, saudando com justo enthusiasmo a exposição de Copenhagen, são prodigos nos seus encomios ao generoso iniciador.

Pin-Sel.

Tinham-se ali, a toda a hora, as armas na mão. Mas pouco me demorei lá, porque o mestre de campo, D. Alvaro Nuñez de Pineda vindo ordem do governador, retirou-se, assim como outras guarnições, até oitocentos homens de cavalaria para o Valle de Puren. Fui com os outros officiaes e capitães.

Fomos para o Valle e ali fizemos durante seis mezes grandes devastações, estragando e incendiando as colheitas. Depois do que, o governador D. Alonso Ribera me deu licença para regressar a Concepcion, sendo reintegrado no meu posto na companhia de Francisco Navarrete, onde me conservei.

A fortuna brincava commigo, ora me favorecia ora me era contraria. Estava eu muito tranquillo em Concepcion, quando um dia, encontrando no corpo de guarda um outro alferes meu amigo, entrei com elle n'uma casa de jogo das vizinhanças. Puzemo-nos a jogar. A partida começou-se no meio de uma numerosa assistencia. N'um lance duvidoso, disse-me elle que eu mentia como um cão.

Puxei da espada e enterrei-l'ha no peito.

Logo todos se lançaram sobre mim, e começaram a fazer tal gritaria que não me pude mexer. Um ajudante, entre outros, me tinha muito bem seguro.

Chegado o auditor geral D. Francisco de Peraga logo me prendeu, tambem muito solidamente. Sacudia-me, agarrando-se ao meu fato, e fazendo não sei quantas perguntas.

A essas inquirições, respondia eu com a evasiva de que só na presença do governador prestaria a minha declaração.

A este meio tempo appareceu meu irmão, que me fallou em biscainho, dizendo que tratasse de me salvar.

O auditor tinha-me bem seguro pela gola do gibão.

Levantei o braço armado com a adaga, e ameacei-o, querendo-o obrigar a que me largasse. Deu-me porem uma sacudidela mais forte, e eu vibrei-lhe um golpe á cara. Ainda me não largou. Feri-o outra vez, largou-me então. Puxei pela espada, porque a turba avançava para mim. Recuei até á porta e, ainda que com alguns estorvos, sahi a porta e ganhei o convento de S. Francisco, que é proximo.

Soube depois que o alferes e o auditor tinham ficado mortos.

O governador D. Alonso Garcia Remon acorreu a toda a pressa e rodeou a igreja de soldados.

Este cerco durou assim perto de uns seis mezes.

Mandou-se lançar um pregão promettendo grande recompensa a quem me entregasse, e prohibiu se me o embarque em qualquer porto.

Tinha, pois, a cabeça posta a preço. As guarnições e praças foram avisadas e muitas outras diligencias se fizeram.

Emfim, o tempo que tudo cura, abrandou este rigor, e, com a ajuda de alguns pedidos, os guardas ao convento retiraram-se, o sobresalto desapareceu, e cada dia que se passava era eu menos procurado. Achei amigos para me visitarem e veio-se a descobrir que a provocação desde o principio fóra extrema e o perigo e a necessidade urgentes.

Entretantes, um dia, o meu amigo Juan Silva, alferes em actividade, veio ver-me e disse-me que tivera uma troca de palavras com Francisco Rojas, do habito de Saint-Jacques, e que o desafiara para aquella mesma noute, ás onze horas, levando cada um o seu padrinho, e que não conhecia outra pessoa que lhe pudesse servir de testemunha senão eu.

Hesitei um pouco, receando alguma emboscada para me prenderem.

O meu amigo percebeu os receios que eu tinha, e disse-me:

— Se te não agrada, deixa lá: irei sósinho, porque não cedo o meu logar a ninguém.

— Farias isso? perguntei eu, acceitando o convite.

Ao toque dos sinos para a oração da noute, sahi do convento e fui a casa do meu amigo. Ceámos e entretivemo-nos até ás dez horas. Ao ouvir-as bater, tomámos as espadas e as capas e dirigimo-nos rapidamente para o local aprezado.

A escuridão era tão densa que quasi se não viam as nossas mãos; e eu, notando isto, combinei com o meu amigo, para que em caso de necessidade, nos reconhecessemos, atassemos um lenço no braço.

Os outros dois não se demoraram, e um, que eu reconheci pela voz como sendo D. Francisco de Rojas, perguntou:

— É D. Juan Silva?

— Sim, aqui estou, respondeu o meu amigo.

Puxaram então das espadas e carregaram com ardor.

Eu e o outro não nos mexemos. Cruzaram ferros e bem depressa percebi que o meu amigo fóra tocado pela ponta da espada do adversario. Colloquei-me logo a seu lado e o outro correu para junto de D. Francisco.

Travámos lucta dois a dois. Pouco depois, D. Francisco e D. Juan cahiram. Eu e o meu adversario continuámos a bater-nos, e enterrei-lhe a espada ao que me parece, por debaixo do mamillo esquerdo, furando, pelo que senti, um duplo collete de pelle de bufalo. Cahiu quasi que redondamente, exclamando:

— Ah! traidor que me mataste!

Julguei reconhecer a voz de aquelle que não via, e perguntei-lhe o nome.

— Sou o capitão Miguel de Erauso, me respondeu.

Fiquei attonito.

O ferido gritava:

— Confissão! confissão!

Os outros combatentes, estendidos no chão, faziam igual pedido.

Corri a S. Francisco, e despachei dois frades para os confessarem a todos. Os dois primeiros expiraram logo. Meu irmão foi levado para casa do governador, do qual era secretario de guerra. Medico e cirurgião, ambos trataram de o pensar, fazendo todo o possivel para o reanimarem.

Assim que o conseguiram, começaram as interrogações. Perguntaram-lhe o nome do assassino. O ferido pedia com instancia que lhe dessem uma pinga de vinho. O doutor Robledo não o queria dar, dizendo que lhe faria mal. Elle insistiu. O medico recusou. Foi então que disse:

— Vossa graça é mais cruel para mim do que o alferes Diaz!

Um instante depois, expirou.

Immediatamente, o governador cercou o convento e lançou-se contra elle á frente da sua guarda. Os frades e o provincial, frei Francisco de Otalora, que presentemente vive em Lima, resistiram com tenacidade.

O combate foi aspero, a ponto dos frades resolutamente dizerem ao governador que tomasse bem sentido de que se conseguisse lá entrar não sahiria mais. Sabendo isto, moderou-se o governador e retrocedeu, deixando só os guardas de vigia.

Morto, o referido capitão Miguel de Erauso foi enterrado no mesmo convento de S. Francisco. Do côro, vi eu esse acto, Deus sabe com que cruciante angustia!

Alli me demorei oito mezes, tempo este durante o qual se proseguia no processo de rebelião, o que me não permitia apparecer.

Graças á generosidade de D. Juan Ponce de Leon, que me forneceu cavallo, armas e dinheiro para a jornada, achei meio de sahir de la Concepcion, e parti para Valdivia e Tucuman.

VII

Comecei a minha jornada, caminhando sempre ao longo da costa maritima, supportando rudes fadigas e até sede, porque em parte nenhuma achei agua.

No caminho encontrei outros dois soldados fugitivos, e todos tres proseguimos a nossa viagem, resolvidos antes a morrer do que a entregar-nos. Tinhamos cavallos, armas brancas e de fogo, e a grande providencia de Deus. Seguimos para o alto da cordilheira, sem nunca encontrar, durante estas trinta leguas de subida, nem mesmo n'outras trezentas que andámos, um bocado de pão. A agua era rara. Nada havia a não ser hervas, alguns pequenos animaes e raizes com que nos sustentassemos.

De longe a longe, avistavamos um indio que fugia.

Foi-nos preciso matar um dos cavallos para lhe seccarmos a carne; mas elle apenas tinha os ossos e a pelle. Assim caminhando, pouco a pouco, tivemos que fazer o mesmo aos outros, ficando apeados e quasi que sem nos podermos ter em pé. Entrámos n'uma terra tão fria que nos sentiamos gelados. Vimos dois homens encostados a uma rocha. Muito contentes, dirigimo-nos a elles, cumprimentando-os de longe e perguntando-lhes o

que faziam alli. Não nos responderam. Approxi-  
mamo-nos. Estavam mortos, gelados, de bocca  
aberta, parecendo rir. Isto metteu-nos medo.

Passámos além, e na ultima noute, estendendo-  
nos sobre uma pedra dura, um de nós, não po-  
dendo resistir mais, ficou alli. Eramos agora só  
dois. Continuámos andando. No dia seguinte, cer-  
ca das quatro horas da tarde, o meu companhei-  
ro, não podendo andar, deixou se cahir chorando  
e expirou.

Achei-lhe na algibeira oito pezos e prosegui no  
meu caminho, á ventura, carregado com o arca-  
buz e com o bocado de carne secca que me res-  
tava.

Imagine-se a minha afflicção. Sentia-me exte-  
nuada, sem calçado, e os pés em sangue. En-  
costei-me a uma arvore e chorei, — julgo que foi  
a primeira vez que isso me aconteceu, e rezei um  
Virgario, encomendando-me a Santissima Vir-  
gem e ao glorioso S. José, seu esposo.

Descanhei um pouco e, levantando-me, puz-me  
em marcha.

Pareceu-me reconhecer pelo ar, por uma tem-  
peratura mais agradável, que sahira do reino do  
Chili, e entrava no de Tucuman.

Caminhei ainda. No dia seguinte, estava por  
terra, cheia de fadiga e de fome, quando vi vir  
dois homens a cavallo. Não soube se me devia  
affligir ou alegrar, não conhecendo se eram indios  
cannibae ou pacificos. Armei o arcabuz sem qua-  
r o poder levantar. Approximaram-se e pergun-  
taram me onde ia eu assim tão só e tão affastado  
de todos os povoados.

Reconheci serem christãos, e foi como se visse  
um céu aberto.

(Continúa)

Esteves Pereira.

## A Covilhã e a Industria dos Lanifícios

III

(Continuado do n.º antecedente)

Foi em 1806, que José da Costa Eufemio fun-  
dou a sua fabrica na Ribeira da Carpinteira.

Segundo indicações que temos presente, dadas  
pelo proprietario e referentes a 1888, vemos que  
o pessoal empregado constava de 67 individuos,  
34 homens, 18 mulheres e 15 creanças. Os salarios  
para os homens orçam entre 260 e 700 réis. As  
mulheres vencem 100 e 200 réis. Recebem os ra-  
pazes 50 a 160 réis.

Entre o machinismo, havia 10 teares manuaes  
e 350 fusos; os motores eram a agua e o vapor,  
e ainda o são, como abaixo veremos.

As lãs hespanholas e portuguezas empregadas  
atingem um valor annual de 12 a 15 contos de  
réis, produzindo-se artefactos na importancia de  
14:300,000 réis no mesmo espaço de tempo.

O capital fixo da fabrica n'este anno de 1888  
era computado em 26 a 40 contos de réis.

Este industrial tem obtido varias e honrosas  
recompensas nos certamens industriaes em que  
se apresentou.

Entre os seus productos podem distinguir-se:  
braxe para fardamentos, panno azul, tinto em lã;  
panno preto, liso; setim mescla para fardamen-  
tos, panno castanho, famoso sarja preto.

Em 1889, o pessoal operario era de 33, sendo  
27 do sexo feminino, e os salarios vencidos regu-  
lavam entre 40 e 280 réis diarios.

O motor limitava-se a 2 rodas hydraulicas da  
força de 6 cavallos.

O machinismo compunha-se de: 1 enxugadou-  
ro, 2 sortidos de cardas, 1 apparelho de fiação  
com 240 fusos, 1 urdideira e 1 grudadouro,  
6 teares manuaes, 4 teares manuaes systema  
Jacquard, 1 lavadeira, 4 ramolas mechanicas, 9  
tesoura longitudinal, 1 lustradeira, 1 prensa com  
fogão, um apparelho de remontar cardas, e 1 es-  
merilador.

Demos por finda esta rapida monographia de  
algumas das fabricas mais importantes da labo-  
riosa cidade da Covilhã. Sermos-nos-hia bastante  
grato o traçarmos aqui, com elementos colhidos  
de visu, como que uma historia de cada um dos  
estabelecimentos fabris covilhanenses, trabalho  
este que assim fica apenas e muito de leve indi-  
cado.

A industria dos lanifícios, comquanto tenha na  
Covilhã o seu maior desenvolvimento, muito im-  
portante é tambem n'outros centros a que tive-

mos occasião de incidentemente nos referir, e o  
tratar d'elles com alguma minucia seria comple-  
mento obrigado d'este estudo, o que por agora  
deixamos de fazer para não alongar estes artigos  
já de si tão aridos, condição que tem todos os  
trabalhos em que ha abundancia de numeros e  
de dados estatisticos, mas para o leitor intelli-  
gente os numeros são syntheses, contem grandes  
valores em poucos algarismos.

Mas, para que ao menos acerca da industria da  
fiação e tecelagem da lã na Covilhã, não fique

este trabalho incompleto e deficiente, comple-  
tal-o hemos com a ennumeración das mais fabri-  
cas a que não tivemos ensejo de nos referir, e  
ajuntaremos a nota dos seus capitaes para que se  
possa avaliar da sua importancia.

Actualmente possui a Covilhã, afóra a pequena  
industria, uns 92 estabelecimentos fabris, dos  
quaes indicámos apenas alguns, restando-nos os  
constantes da lista que se segue e que abrange  
todo o concelho da laboriosa cidade, sendo os  
capitaes indicados referidos a 1890:

Firma proprietaria e local da fabrica	Capital	
	Fixo	Circulante
Gregorio Balthazar — Largo de Santa Marinha	8:200\$000	24:000\$000
Paula d'Almeida Santos — Ribeira Degoldra	10:000\$000	1:100\$000
Guimarães Silva & Ratto — Sitio das Poldras	8:000\$000	3:000\$000
Gregorio Antunes Paes — Ribeira da Carpinteira	3:000\$000	3:500\$000
João Baptista Faial — Calçada do Serrado	400\$000	4:000\$000
Campos Mello e José Paiva Catharro — California	25:000\$000	10:000\$000
Innocencio Pereira Presunto — Rua Marquez de Avila e Bolama	1:300\$000	1:500\$000
Antonio Anaquim — Calçada do Serrado	30:700\$000	25:000\$000
Frenetico & Cardoso — Ribeira da Carpinteira	8:000\$000	1:200\$000
Francisco Antonio Pereira Espiga — Rua de S. Paulo	500\$000	6:000\$000
Francisco Antonio Pereira Espiga & C.ª — Aldeia de Carvalho	20:000\$000	6:000\$000
José Fonseca Charatto Junior — Rua de Santa Marinha	1:000\$000	6:000\$000
Paiva, Silva & Balthazar — Ribeira da Carpinteira	24:000\$000	5:350\$200
Miguel Ferreira Bicho & C.ª — Calçada do Serrado	2:500\$000	12:200\$000
José Alves da Silva Junior — Rua de S. João da Matta	5:000\$000	9:000\$000
Manuel Gomes Frenetico — Rua dos Tanoeiros	5:000\$000	12:000\$000
Manuel da Silva Fiadeiro — Becco da Alegria	1:200\$000	6:000\$000
Jeronymo Nave Catalão — Travessa do Pezo da lã	2:000\$000	12:000\$000
Sassetti — Ribeira da Carpinteira	10:000\$000	2:200\$000
Eduardo Candido Serra — Rua de Carreira Ancha	700\$000	2:000\$000
Manuel de Jesus Rato — Travessa da Alegria	1:000\$000	6:000\$000
Manuel Rodrigues Pintasilgo — Rua de S. Paulo	3:000\$000	9:000\$000
Ferreira Baptista & C.ª — Ribeira da Carpinteira	7:000\$000	1:100\$000
Ranito & Mesquita — Ribeira da Carpinteira	25:000\$000	40:000\$000
Lopes & Padão — Ribeira da Carpinteira	10:000\$000	15:000\$000
Sassetti & Pinto — Cruz da Ratta	4:508\$000	15:000\$000
Campos Mello & José Alves da Silva — California	15:000\$000	6:000\$000
Antonio Joaquim Agostinho — Ribeira da Carpinteira	5:000\$000	2:800\$000
Ayres Cesar de Almeida Penha — Rua Carreira Ancha	3:000\$000	15:000\$000
Anaquim Ratto & C.ª — Ribeira da Carpinteira	10:000\$000	2:000\$000
José Maria Nogueira & Spinagem Fiães — Boidobra, Agua Alta	1:500\$000	100\$000
Lourinhã & C.ª — Boidobra, Rua do Sacca	3:500\$000	800\$000
José Alfredo Ferreira Dias & C.ª — Unhaes da Serra, Ponte Velha	10:000\$000	3:000\$000
Joaquim José Fernandes do Amaral — Unhaes da Serra, sitio do lagar	16:000\$000	10:000\$000
Augusto Affonso Barata de Mattos — Tortuzendo, logar da Cruz	680\$000	7:016\$000
Custodio José Gonçalves — Aldeia do Carvalho, Rua da Fonte	20:000\$000	10:000\$000
Manuel Ferreira Bicho & C.ª — Aldeia do Carvalho, Canhosa	9:000\$000	6:000\$000
José Dias Ascenção — Ribeira da Degoldra	5:090\$000	282\$000
José Fonseca Charatto — Benibaú	21:000\$000	30:000\$000
José Gomes Cardorio Barata — Rua de S. João Martireneallo	500\$000	2:000\$000
José Antonio Pereira Espiga — Bairro do Quarqua	2:500\$000	10:000\$000
Maria Rita Marques & Filhos — Ribeira da Carpinteira	6:000\$000	3:000\$000
José Dias da Assumpção — Ribeira da Carpinteira	14:000\$000	16:000\$000
João Nave Catalão — Largo de Santa Marinha	8:700\$000	21:400\$000
Francisco Farias Bichinho — Largo de D. Maria Pia	1:650\$000	6:000\$000
Joaquim Rodrigues Miguel — Rua de Santa Marinha	1:200\$000	8:000\$000
João Maria Ferreira Bicho — Largo de Santa Marinha	1:000\$000	5:000\$000
Alexandre Antonio Pereira Espiga — Rua da Senhora da Paciencia	200\$000	6:000\$000
Ambrosio Pinto da Fonseca — Rua do Marquez d'Avilla e Bolama	120\$000	1:500\$000
Antonio Carlos Berrincha — Rua dos Tanoeiros	350\$000	7:000\$000
Ignacio da Silva Fiadeiro — Ribeira da Carpinteira	10:000\$000	10:000\$000
Fortunato dos Santos — Rua do Marquez de Avila e de Bolama	2:000\$000	4:000\$000
Raphael Esteves — Rua dos Tanoeiros	450\$000	1:200\$000
João Alves da Silva Junior — Rua de S. João, 19	400\$000	2:000\$000
Francisco Maria Assis de Carvalho — Rua do Açougue	500\$000	200\$000
Francisco Rodrigues Charatto — Agua Alta	6:000\$000	2:000\$000
Antonio Vicente Peixeiro & F.ª — Agua Alta	4:000\$000	1:000\$000
Gregorio Vidigal — Rua de Santa Maria	400\$000	2:000\$000
Francisco Lopes Fazendeiro & Filhos — Rua de S. Martinho	1:000\$000	3:500\$000
Manuel Ferreira Bicho — Rua da Fonte Nova	2:330\$000	6:900\$000
Manuel da Costa — Rua da Senhora da Paciencia	140\$000	4:000\$000
José Paulo Affonso — Ribeira da Agua Alta	6:000\$000	4:000\$000
João Pereira Presunto — Rua de S. Martinho	4:500\$000	4:120\$000
Januario da Costa Ratto — Rua do Castello	1:200\$000	6:000\$000
Carlos Elias da Costa — Rua de S. João	2:500\$000	9:711\$500
José Tavares da Cruz — Bairro da Saudade	2:800\$000	4:000\$000
Antonio da Fonseca Charatto — Ribeira da Degoldra	6:000\$000	2:000\$000
Antonio da Costa Ruivo — Largo da Fonte de S. João	1:260\$000	5:672\$000
Francisco Joaquim Henriques da Silva — Rua da Estrella	2:220\$000	1:200\$000
Antonio Paiva Nolia — Portas do Sol	2:000\$000	7:800\$000
Almeida Campos & Filho — Ribeira da Degoldra	14:000\$000	30:000\$000
Companhia Nacional de Lanifícios — Ribeira de Degoldra	130:000\$000	25:000\$000
Manuel Mendes Alçada — Rua de S. João	30:000\$000	30:000\$000
José Fonseca Charatto Junior — Paul, Ribeira da Degoldra	4:620\$000	8:000\$000
Antonio Ressurreição de Paiva — Paul, Santo Agostinho	460\$000	6:560\$000
José Santos Almeida — Rua da Boa Vista	3:400\$000	5:070\$000
José Telles Grillo — Agua Alta	5:000\$000	7:917\$000
Francisco Cruz Tavares — Ribeira da Degoldra	—	—
Fonseca Bicho & C.ª — Ribeira da Degoldra	8:000\$000	1:250\$000
João Lopes Rainha — Rua de S. Vicente	600\$000	1:700\$000
Manuel da Costa Ruivo — Fonte da Boa Vista	—	—

N'estes estabelecimentos e na pequena industria covilhanense de lanificios, giram capitaes na importancia de 1.559:617,800 réis (fixo) e de 1.612:006,700 réis (circulante), e produzem-se tecidos no avultado valor de 1.978:954,650 réis.

Estes numeros são bastante suggestivos, e com elles fechamos este capitulo.

(Continua)

Esteves Pereira.



Recebemos e agradecemos:

**Memorias de uma creança, por madame Michelet**—tradução de J. de Menezes. Empresa editora do *Arauto*—Hayward, California—1896.

De envolta com outras publicações da mesma

J'ai été malade, et pendant ce temps, mes papiers ont été si bien brouillés, que je ne pouvais plus retrouver votre lettre.

Enfin la voici.

Je vous donne la permission que vous me demandez de traduire les *Mémoires d'une enfant* et je désire que ce petit livre bien sincère interesse vos lecteurs.

Veillez recevoir, monsieur, mes cordiales salutations.

A. J. Michelet.

76, rue d'Assaz.

Acompanhando esta carta, accrescentou em nota o sr. Menezes:

Escrevi, pouco depois de recebida a carta supra, á casa editora da Viuva Bertrand, propondo-lhe a edição em portuguez do livro da viuva do grande escriptor francez. A minha proposta foi acceita em condições para mim favoraveis; mas as minhas muitas occupações d'então, na imprensa, na cadeira d'ensino e no cumprimento

qual elle rende lisongeiros louvores ao trabalho do nosso illustre escriptor.

**Canção do berço**—por Joaquim de Araujo—quarta edição—Editor J. de Menezes—Hayward, California—Typ. do *Arauto*—1897.

Este tocante poema é incontestavelmente uma joia litteraria das mais finas. Bem mereceu o ser editado e lido na America, recebendo assim de todos os portuguezes o justo apreço que merece,

**Luiz de Camões**—por Joaquim de Araujo

Poemeto com uma carta de Eça de Queiroz, quarta edição emendada—Editor J. de Menezes—California 1897.

Deveras encantadora esta grinalda de suaves sonetos em que o inspirado poeta canta os logares mais queridos e os passos mais notaveis da vida de Camões.

Com o espalhar de tão mimosas composições poeticas não podemos deixar de nos congratularmos e por isso o fazemos, felicitando o auctor, e animando o editor que tão alto põe o seu amor ás glorias de sua terra.

## 7.ª Exposição do «Gremio Artistico»



NA COSTA DE CAPARICA—Aguarella do sr. Roque Gameiro

empresa edictora, recebemos este encantador livrinho deliciosamente traduzido e bem impresso em finissimo papel.

O presente trabalho litterario e os outros, de que adiante damos noticia, revelam o alto grau a que subiu a mentalidade portugueza na colonia de Hayward, mercê de louvaveis e patrioticos esforços de illustres portuguezes. Entre esses benemeritos da civilização portugueza, ha que especialisar com inteira justiça o nosso collega director do *Arauto*, sr. J. de Menezes, que não obstante os seus muitos affazeres como redactor e administrador do importante periodico, muito tem trabalhado por elevar o bom nome de Portugal, em região tão distante.

Foi nas columnas do *Arauto*, que sahiu primitivamente a tradução das *Memorias de uma creança*, sendo immediatamente passada a livro. Como era intento o fazer-se uma edição barata foram supprimidas as paginas de musica do original.

Archivaremos aqui a carta de madame Michelet ao illustrado traductor:

Paris 27 décembre 87

Monsieur.

Je regrette bien de vous repondre si tard.

dos meus deveres de «praça de prêt,» obstaram a que concluisse a tradução que vim imprimir, 9 annos depois, n'esta villa d'Hayward.

**A João de Deus**—por Joaquim de Araujo—Segunda edição—Editor—J. de Menezes a Hayward—California 1897. Typographia do *Arauto*;

A reedição d'este mimoso poema foi concedida pelo sr. Joaquim de Araujo ao importante periodico portuguez na California.—O *Arauto*.

Este poema foi primitivamente publicado em Genova n'uma edição limitada, sendo vendido a favor da subscrição para a espada de honra ao valente official do exercito portuguez Mousinho de Albuquerque.

A presente edição, publicada generosamente á custa do *Arauto*, foi-lhe dada a seguinte applicação:

Instituir-se um premio ao estudante mais pobre da colonia portugueza na America O producto da venda bruta seria depositado n'um banco e administrado pelo *Arauto*, a principio, passando depois a ser administrado pelo nosso consul em Washington.

Do merecimento da composição referida, falla bem alto a lisongeira carta que acompanhava o opusculo, escripta pelo eminente poeta hespanhol Nunez d'Arce ao sr. Joaquim de Araujo, e na

### ERRATA

Na poesia do sr. Ramos-Coelho transcripta do livro *Cambiantes*, publicada na secção de Publicações, no ultimo numero sahiu errada a 24.ª linha da poesia, onde se deve ler:

Sorrir-se para mim co'aquelles olhos,

### LIVROS PARA RIR

#### O NARIZ DO TABELLIÃO

Por E. ABOUT

Tradução de Pin-Sel

Um vol. illustrado com uma linda capa a cores

PREÇO 200 RÉIS PELO CORREIO 220

Pedidos á Empresa do Occidente, largo do Poço Novo—Lisboa.

#### Almanach illustrado do «Occidente»

Para 1898

Entrou no prelo este esplendido annuario para 1898 e recebem-se annuncios até o fim d'este mez.

Desde já se recebem encomendas na EMPRESA DO «OCCIDENTE» — LARGO DO POÇO NOVO — LISBOA.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro, 25 a 39